

Os narradores do mundo e a *Weltliteratur*: o caso de escritores refugiados da literatura contemporânea em língua alemã

Keberson Bresolin¹
Monique Cunha de Araújo²

Resumo: Este artigo tem o intuito de investigar conceitos atuais que designam a escrita de autores migrantes, sobretudo, os refugiados cuja escrita ultrapassa os limites biográficos e nacionais, ausente a possibilidade de alocação de suas escritas em qualquer classificatória. Apesar de esforços ao longo da história dos estudos literários de desagregar os escritos desses autores à sua origem, na tentativa de retirar um crivo nacional, vê-se em historiografias literárias recentes certo apego ao ideário constitutivo da nação na denominação das literaturas escritas por migrantes. Como exemplo dos escritores outrora refugiados na Alemanha e sua recente produção, este artigo propõe a ideia mundialização desses escritos, em uma espécie de nova *Weltliteratur*.

Palavras-chave: *Weltliteratur*; escritores refugiados; literatura contemporânea; língua alemã

Abstract: This paper aims to investigate current concepts which designate the writing of migrant authors, especially refugees whose writing exceeds the biographical and national limits, absent the possibility of allocating their writing in any classification. Although efforts throughout the history of literary studies to disaggregate the writings of these authors of their origin, in the attempt to remove a national bias, it is possible to still verify, in recent literary historiographies, a certain attachment to the constitutive ideology of the nation in the denomination of written literatures by migrants. As the example of the writers once refugees in Germany and its recent production, this article proposes the idea of “worldzation” of these writings, in a kind of new *Weltliteratur*.

Keywords: *Weltliteratur*; refugee writers; contemporary literature; German language.

1 Apresentação

A inserção de escritores migrantes no mercado literário, sobretudo no alemão, motiva resistências no âmbito da categorização de suas escritas e contrapontos acerca do contexto imaginário constitutivo de uma nação. Escritos de estrangeiros no país em língua diferente das suas origens, sempre foi motivo de investigação e averiguação da autenticidade nacional atribuída a esses escritos. Ao longo da história criou-se categorias literárias distintas na tentativa de alocar essa literatura em uma nova ou em outro tipo de literatura. Este texto investiga as escritas de autores oriundos de um mundo fraccionado e dinâmico, que, apesar da velocidade de deslocamentos espaciais, se

¹ Professor doutor adjunto na Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

² Doutoranda em Teoria, Crítica e Comparatismo no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

encontram em fechamento nacional categorizante, em que a única saída parece ser a mundialização desses escritos, pois suas temáticas soam universais.

Nos estudos literários, os termos nacional e mundial têm uma longa trajetória. Em 1827, o poeta e cientista Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) propôs o termo *Weltliteratur*, de acordo com o qual a literatura nacional deveria estar ancorada na ideia de seu internacionalismo. Marx e Engels utilizaram-se do termo no Manifesto do Partido Comunista de 1848 para propor uma literatura que fosse universalizada e que pudesse ser compartilhada entre os povos, assim como o *Weltmarkt*, entretanto, esse internacionalismo proposto por Goethe só teve irradiação depois da Segunda Guerra Mundial.

No ensaio *Filologia da Literatura Mundial* (1952), Erich Auerbach (1892-1957) afirmava que a literatura não deveria centrar-se em um reduto nacional, mas expandida em termos mundiais. A partir disso, a *Weltliteratur* tornou-se um marco nos estudos comparados, tendo contribuído também para a propagação desses estudos³. Desde os anos 1970, entretanto, o termo tem sido criticado; acusado de representar uma versão elitista da literatura, recaída, sobretudo, na figura do próprio Goethe, que não se pode dissociar da ideia de literatura nacional. Considerados a época e o contexto, no entanto, não se pode negar que a literatura de Goethe procurou, na verdade, o intercâmbio entre literaturas diversas e de épocas diferentes, como *O divã ocidental-oriental* de 1819, que dialoga com a obra do poeta persa Hafis (1326-1390).

Esta pesquisa pretende investigar, a partir da perspectiva da nova *Weltliteratur*, a escrita de escritores oriundos da mobilidade e dinamicidade deste novo mundo, especialmente aqueles a quem a necessidade de partir foi imposta. Autores da atualidade, como os refugiados na Alemanha Abbas Khider, Rafik Schami, Ilija Trojanow, Senthuran Varatharajah e Olga Grjasnowa têm obtido grande espaço no mercado literário com a temática que mudou suas vidas: a fuga. Esses autores escrevem sobre a atualidade, sobre si e sobre os refugiados de hoje; denunciam e evocam a necessidade da nova era literária.

³ Cf. NITRINI 2000 e CARVALHAL 1986.

2 A escrita sem morada fixa: a escrita do mundo

Os escritores tiveram que lidar com a imposição da fuga, da mobilidade, do *ir*. Nos tempos atuais, esses autores identificam-se com o panorama alemão de acolhimento aos refugiados e escrevem sobre isso, em um entrelace entre passado e presente.

A importância da escrita de autores com histórico de fuga no cenário literário, sobretudo na Alemanha, é imensa, não somente pela representatividade dessas pessoas refugiadas na constituição de uma Europa migrada, mas também na formação de um novo público leitor. Dessas novas formações e quebra de um chamado cânone literário de um ideário nacional, a luta e a insistência na escrita em uma língua adotada, escolhida, desses autores alimentam-se e refletem mudanças em ordem cultural, política, social e, especialmente, linguística.

O agravamento da crise dos refugiados, que eclodiu nos anos 2015 e 2016, sobretudo na Europa, teve como resultado a abertura das discussões sobre a temática em todas as esferas. No sistema literário, o tema não apenas acelerou a querela categorizante das produções literárias nacionais, mas deu voz aos escritores com o histórico recente de fuga. A intrínseca relação entre a literatura e a sociedade⁴ equivale nessa ideia ao aumento expressivo desta temática na produção literária. Sobretudo na averiguação da produção literária contemporânea, a celeridade dos acontecimentos externos ao texto arraiga-se nele, constituindo um todo, mutável, reflexivo e influenciável.

Na Alemanha contemporânea, autores, outrora refugiados, enxergaram um momento propício para expor suas poéticas de fuga e estrangeiro. Em 2017, dois autores importantes no cenário literário alemão publicaram suas obras de reflexão sobre suas fugas no passado: Ilja Trojanow (1965), escritor de origem búlgara, autor do best-seller *Der Weltensammler*⁵ (2006), publicou seu livro de memórias, em que reflete sobre a condição sua e de sua família enquanto refugiado no passado. Em *Nach der Flucht* (Depois da fuga) o autor assume que “existe uma vida depois da fuga, mas ela continua por toda a vida⁶”, porém a solidão o persegue por toda a vida⁷. Rafik Schami (1946), alemão de origem síria, depois de 30 anos como escritor na Alemanha, publica

⁴ Cf. CANDIDO 2000

⁵ O *Colecionador de Mundos* traduzido para o português por Sérgio Tellaroli e publicado pela Companhia das Letras em 2010.

⁶ No original: „es gibt ein Leben nach der Flucht, doch die Flucht wirkt fort, ein Leben lang“ (TROJANOW, 2017, p. 2)

⁷ TROJANOW, 2017, p. 2

sua história de fuga e liberdade. No romance autobiográfico *Ich wollte nur Geschichten erzählen. Mosaik der Fremde* (Eu só queria contar histórias. Mosaico do Estrangeiro), Schami relata a perseguição política do governo sofrida na Síria e as recorrentes censuras de suas publicações.

Em 2016, Abbas Khider (1973), alemão de origem iraquiana, publicou *Ohrfeige*, em que o protagonista, Karim Mensy, está à procura de asilo na Alemanha. O livro trata as aflições da chegada do refugiado no país até a chegada do asilo. *Ohrfeige* para o autor não é oficialmente um livro autobiográfico⁸, mas, para ele, poderia ser a história de qualquer refugiado recém-chegado na Alemanha.

Esses autores têm em comum o histórico de fuga e migração e em seus escritos essas temáticas são latentes, suas últimas publicações adentram especificamente no tema da fuga, na recepção no país – na visão de Schami e Trojanow mais positiva, significando a liberdade e, em Khider, menos, a dificuldade de asilo transverte-se em medo, dor, violência e aflição – e no embate entre as duas diferentes culturas.

Diferente de Schami e Khider que perseguiram uma trajetória de fuga já adultos, os jovens escritores Senthuran Varatharajah e Olga Grjasnowa e suas famílias foram forçados pelos conflitos civis em seus países de origem - Sri Lanka e Azerbaijão, respectivamente - a migrar ainda crianças. Varatharajah publicou em 2016 seu primeiro romance, pela editora S. Fischer. *Vor der Zunahme der Zeichen* (Antes do aumento dos sinais) conta a história de Senthil e Valmira, dois refugiados, estudantes na Alemanha, que se conhecem ocasionalmente pelo Facebook. As conversas privadas dos dois na rede social giram em torno de suas fugas das zonas de conflito, na chegada ao país, dos pedidos de asilo e o período da faculdade. O livro foi aclamado pela crítica, pois “o romance cativa pelo tanto pelo acesso temático quanto linguístico, pois levanta questões chave sobre fuga e migração”⁹. No terceiro romance de Olga Grjasnowa, publicado em 2017, *Gott ist nicht schüchtern* (Deus não é tímido), a jovem autora mescla a história de Amal e Hammoul, dois bonitos jovens privilegiados na Síria que, por acreditar na revolução em seu país, precisam fugir da perseguição política. Questões cruciais no livro são pontos de partida para discussões sobre o Outro e sua aceitação,

⁸ Cf. HEIRINCH 2016

⁹ Original: „der Roman [...] besticht durch seinen thematisch wie sprachlich kühnen Zugriff auf Kernfragen rund um Flucht und Migration“ Kramatschek, Claudia *DeutschlandradioKultur* 2016-04-15, <<https://www.deutschlandfunkkultur.de/raeume-der-flucht-in-der-literatur-von-wutreden-und-den>>. Acesso em 08/10/2018.

sobretudo no que se refere ao tratamento dado a eles, como sugere a passagem: “O mundo inventou uma nova raça, os refugiados, Refugees, Muçulmanos e Newcomer. A condescendência é palpável em cada respiração”.¹⁰

Essa literatura escrita por migrantes esteve por muito tempo no limiar de classificações. Esses termos que envolvem, sobretudo, a aceitação de mudança da ideia de uma literatura nacional¹¹ e a constituição dessa literatura. Nesse âmbito, lembro aqui a premiação literária criada exclusivamente para escritores de língua não-alemã na Alemanha, o Prêmio Chamisso. Uma homenagem ao escritor franco-prussiano Adelbert von Chamisso, autor da *História Maravilhosa de Peter Schlemihls*. A premiação possui dois tipos, uma dada ao escritor destaque e outra de incentivo. Alvo de críticas de todos os lados¹², pois justificaria um tratamento diferenciado aos autores de origem não alemã, o prêmio, entretanto, auxiliou na propagação e fomento desses autores, rechaçados e invisíveis no passado¹³. Segundo site da Instituição Robert Bosch, idealizadora da premiação, o prêmio tem o interesse de fomentar as culturas, a pluralidade literária entre culturas. A premiação de incentivo de 1985 (o primeiro), 2015 e 2017 (o último) foi dado a Rafik Schami, Olga Grjasnowa e Senthuran Varatharajah, respectivamente. Já o prêmio destaque de 2000 foi para Ilija Trojanow e o de 2017 para Abbas Khider.

Por outro lado, no entanto, é necessária a reflexão da inserção desses autores no mercado literário ao longo da história e, conseqüentemente, no passado, de receber o maior prêmio da literatura na Alemanha, o Deutscher Buchpreis. Hoje, sobretudo com o agravamento da crise migratória mundial, o quadro de incentivo a esses autores diferencia-se ao de 33 anos atrás, quando o Chamisso surgiu. Em 2016 a Fundação Robert Bosch anunciou que a premiação de 2017 seria a última, e a justificativa caminha ao encontro de minha reflexão:

Naturalmente, os autores com histórico de migração estão entre os favoritos para a maioria dos mais de 300 prêmios literários na Alemanha hoje. Isto é confirmado pelos prêmios concedidos a vários ganhadores do Chamisso como o *Deutscher Buchpreis*, diz Uta-Micaela Düring, diretora da fundação Robert Bosch. Muitos desses autores hoje

¹⁰ Original: „Die Welt hat eine neue Rasse erfunden, die der Flüchtlinge, Refugees, Muslime oder Newcomer. Die Herablassung ist in jedem Atemzug spürbar“ (GRJASNOWA, 2017, p. 7).

¹¹ Constituição do imaginário nacional a partir da literatura. Ver ANDERSON, 2017

¹² Ver KEGELMANN 2010

¹³ Sobre o poder das editoras e cânone, ver em MÜLLER.

querem ser reconhecidos por suas realizações literárias e não por sua base biográfica¹⁴

Depois do anúncio do encerramento da premiação, as críticas recaíram, sobretudo, ao título atribuído a carta de encerramento publicado no site da fundação. Trojanow e Schami denunciaram que o “objetivo atingido” tem um afrontoso “tom paternalista”, do qual os autores migrantes precisam recorrentemente se afastar. Trojanow afirma em entrevista que “o objetivo” está longe de ser alcançado, pois “mais de um milhão de refugiados migraram para a Alemanha e, com certeza, produzirão literatura no futuro”¹⁵.

Além disso, no decorrer dos anos viu-se uma longa lista de conceitos e termos para nomear a literatura escrita por migrantes na Alemanha, entre outros: *Gastarbeiterliteratur* (literatura dos trabalhadores visitantes, remetendo o antigo programa para contratar trabalhadores estrangeiros no pós segunda guerra), *Literatura de Migrantes*, *Literatura de Migração*, *Literatura de minorias*, *Literatura com histórico de migração*, *Literatura do Estrangeiro*, *Literatura exofônica* e *Literatura Chamisso* são termos bastante recorrentes. Todos os termos referem-se, de modo geral, aos escritos em língua alemã por autores de língua materna não alemã. Os termos evocam em primeiro olhar a uma tentativa de diferenciação das ditas literaturas alemãs e das não alemãs, como reforça a ideia do subtítulo o livro organizado por Trojanow em 2000. “A outra literatura alemã” indica a ideia do “eu” e dos “outros” corroborando ao entendimento dicotômico entre a ligação da imagem da constituição literária nacional e ao não-nacional¹⁶. De todo modo, pode-se dizer também que esses termos se sobrepõem, por outro lado, a ideia de especialização dos estudos literários desse tipo, que vêm crescendo nos últimos anos, sobretudo com a crise migratória atual. Com a distinção destes escritores, puderam surgir, acima de tudo, maior incentivo, propagação e divulgação desses escritos, aprimorando-se assim os estudos literários nesse âmbito.

¹⁴ Original : Autoren mit Migrationsgeschichte zählen heute selbstverständlich zu den Favoriten für die meisten der über 300 Literaturpreise in Deutschland. Das belegen die Auszeichnungen zahlreicher Chamisso-Preisträger mit anderen Literaturpreisen wie dem Deutschen Buchpreis”, sagt Uta-Micaela Dürig, Geschäftsführerin der Robert Bosch Stiftung. “Viele dieser Autoren wollen heute nur für ihre literarischen Leistungen gewürdigt werden, und nicht wegen ihres biografischen Hintergrunds“ <<https://www.bosch-stiftung.de/de/presse/2016/09/ziel-erreicht-robert-bosch-stiftung-beendet-chamisso-preis>>. Acesso em 08/10/2018.

¹⁵ Original: „Die mehr als eine Million Geflüchteten, die nach Deutschland eingewandert sind, werden eine eigene Literatur erzeugen“ (TROJANOW, 2016).

¹⁶ Cf. SCHMITZ, 2009 e ANDERSON, 2017

Prefiro dizer, portanto, que a literatura em língua alemã contém essa particularização, sendo essa um ramo daquela.

Dessa maneira, apesar de esforços para desmembrar a origem dos autores de suas escritas em algumas esferas, a teoria literária ainda procura um melhor termo para nomear esses autores em uma tentativa de se desvencilhar do critério da nacionalidade dos autores, o que a priori parece-me que o termo “literatura em língua alemã” seja uma boa saída nesse objetivo.

Com o intuito de promover esses autores migrados, na virada do século XXI, Trojanow organizou o livro *Döner em Walhalla: textos de uma outra literatura alemã*, em que nele, sobretudo na introdução, o autor levanta questões-chave acerca da nacionalidade do autor que escreve em língua alemã. Para ele, a recorrente pergunta sobre a procedência nacional de um autor sobrepuja a indagação relevante sobre o destino da escrita ou dos porquês da criação literária, o propósito da escrita de um autor desterrado, nesse caso, é o extremo oposto: o estrangeiro escreve para pertencer.

Autora de um dos textos da coleção, a escritora de origem tcheca, ganhadora do Chamisso de 1991, Libuše Moníková (1945-1998) reflete sobre a produção literária do migrante na Alemanha e aponta que “os críticos me lembram de que sou estrangeira quando interpretam expressões de meus livros que não lhes são familiares como uma formação que não pertence a um autor não alemão. Se eu tentar coisas inovadoras, isso significa: a estrangeira não sabe alemão”¹⁷. Atualmente pode-se dizer, entretanto, que a inovação da língua alemã está, de certa forma, legitimada por alguns escritores migrantes contemporâneos, como em Yoko Tawada e Zé do Rock, que propõem um olhar para a língua, seu aprendizado e sua constituição, se utilizam largamente de neologismos e quebras estruturais das frases e sentenças¹⁸.

Ainda sobre o livro de Trojanow, a denúncia da face cruel da inserção desses autores migrantes no mercado literário no decorrer da história, é latente. O nome do livro, aliás, refere-se à demora que a palavra “Döner” levou para ser inserida no que ele chama de “Walhalla” do Dicionário da língua alemã. No livro, uma das propostas recorrentes é a de Rafik Schami, que julga ser esse apego à língua e suas bases

¹⁷ Original: „Daran, dass ich Ausländerin bin, erinnern mich Kritiker, wenn sie Ausdrücke aus meinen Büchern, die ihnen nicht geläufig sind, als Eingenwilligkeit interpretieren, die einem nicht nichtdeutschen Autor nicht zusteht. Wenn ich Innovatives versuche, heisst es: die Ausländerin kann nicht einmal Deutsch“ (TROJANOW, 2000 p. 14).

¹⁸ TAWADA 2016; ROCK 2002

linguísticas um apego também à ideia nacional, em que única saída, enquanto escritor, é situar-se no mundo e transladar do *status nacional* para o *internacional*:

Os alemães têm variantes feias o suficiente de nacionalismo e não precisam de italiano, árabe, turco, ou “sabe Deus mais o que” para esse nacionalismo de merda. Nossa única chance é tornar-se um cidadão do mundo por meio da perda de nossa pátria, sem renunciar ao nosso próprio rosto.¹⁹

A relação da constituição do imaginário nacional e o internacional na literatura têm uma longa trajetória nos estudos literários.

3 Encontros críticos mundiais e a *Weltliteratur*

Em 1827, Goethe, a partir dos estudos de Wieland, propôs o termo *Weltliteratur*, de acordo com o qual a literatura nacional deveria estar ancorada na ideia de seu internacionalismo. Apesar de Marx e Engels terem se utilizado do termo no Manifesto do Partido Comunista de 1848 para propor uma literatura que fosse universalizada e que pudesse ser compartilhado entre os povos, assim como o *Weltmarkt*, esse internacionalismo proposto por Goethe só teve irradiação depois da Segunda Guerra Mundial.

O discurso da *Weltliteratur* pode ser entendido, em outras palavras, como um conceito de luta contra uma visão historicamente emergida da literatura que queria nacionalizar ou territorializar a um nível nacional – ao contrário do século XVIII e da sua ‘République des Lettres’, onde as literaturas emergentes não estavam ancoradas nacionalmente²⁰. Importante mencionar que, quando o conceito goethiano veio à tona, não havia uma nação alemã – o que só ocorreu em 1871 – e os estados alemães viviam sob o jugo da restauração. Na literatura alemã ainda permanecia o movimento romântico, tão engajado na luta por “unidade” nacional, mas tendia ao esgotamento.

Em carta ao seu secretário Johann Peter Eckermann, Goethe expressa:

Cada vez mais me convenço (...) de que a poesia é uma propriedade comum à humanidade, que por toda a parte e em todas as épocas

¹⁹ No Original: „Die Deutschen haben genug hässliche Varianten des Nationalismus und brauchen weder italienischen noch Arabische noch Türkische noch weissderTeufewas für Drecknationalismen. Unsere einzige Chance liegt darin, durch den Verlust der Heimat zu Weltbürgern zu werden, ohne auf das eigene Gesicht zu verzichten“ SCHAMI apud TROJANOW Op. Cit S.11

²⁰ KESTLER, I.M.F. O conceito de literatura universal em Goethe. *Revista Cult*, São Paulo. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/>>. Acesso em 10/04/17.

surgem em centenas e centenas de criaturas. (...). Apraz-me por isso observar outras nações e sugiro a cada um que faça o mesmo. A literatura nacional não significa grande coisa, a época é da literatura universal e todos nós devemos contribuir para apressar o surgimento dessa época.²¹

Considerados a época e o contexto, a literatura de Goethe procurou, de fato, o intercâmbio entre literaturas diversas e de épocas diferentes, como *O divã ocidental-oriental* de 1819, no qual a obra dialoga com a poesia do poeta persa Hafis (1326-1390). Nesse sentido, unindo essas ideias goethianas ao mercado, Marx e Engels propõem em Manifesto do Partido Comunista de 1848 uma literatura que fosse universalizada e que pudesse ser compartilhada entre os povos, assim como o *Weltmarkt*:

As antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos do país, são substituídas por novas, que exigem a satisfação dos produtos dos países e climas mais remotos. Em lugar da antiga autossuficiência e reclusão local e nacional, todo o tráfego, uma dependência universal das nações umas nas outras. E como no material, assim também na produção intelectual. As produções intelectuais das nações individuais tornam-se propriedade comum. A unilateralidade e limitação nacional estão se tornando cada vez mais impossível, e de literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial.²²

É precisamente no sentido de Marx e Engels, em que a literatura mundial se forma do intercâmbio de literaturas locais e regionais, concedendo ao conceito *Weltliteratur* o tom cosmopolita, que Franco Moretti pensou o artigo *Conjecturas sobre a literatura mundial*, em 2000. Nele, o crítico italiano sugere a atualidade do conceito inicial goethiano e afirma que, apesar dos estudos comparados em literatura almejam esse intercâmbio literário, a literatura comparada não “sobreviveu a esses esboços²³”. Segundo ele, de acordo com uma visão epistêmica, podemos dizer que a concepção dicotômica entre centro (p.ex. USA, Europa, Ocidente.) e periferia (p.ex. América Latina, África, Oriente) ou origem e destino se manteve nesses estudos comparados ao longo

²¹ ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*. Lisboa: Vega, 2007. p. 15

²² No original: „An die Stelle der alten, durch Landeserzeugnisse befriedigten Bedürfnisse treten neue, welche die Produkte der entferntesten Länder und Klimate zu ihrer Befriedigung erheischen. An die Stelle der alten lokalen und nationalen Selbstgenügsamkeit und Abgeschlossenheit tritt ein allseitiger Verkehr, eine allseitige Abhängigkeit der Nationen voneinander. Und wie in der materiellen, so auch in der geistigen Produktion. Die geistigen Erzeugnisse der einzelnen Nationen werden Gemeingut. Die nationale Einseitigkeit und Beschränktheit wird mehr und mehr unmöglich, und aus den vielen nationalen und lokalen Literaturen bildet sich eine Weltliteratur“. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: *Manifest der Kommunistischen Partei*. In Marx; Engels: *Werke*, Bd. 4. Berlin 1974, p. 466

²³ MORETTI, Franco. *Conjecturas sobre a literatura mundial*. *Novos Estudos*. Novembro 2000, n° 20. p. 4

dos anos. Nesse âmbito, a propósito, uma série de estudiosos da atualidade²⁴ condenam a fórmula clássica goethiana de literatura mundial por lidar apenas com um ângulo central de visão.

É importante mencionar que, nesse sentido, infelizmente, o internacionalismo proposto por Goethe só teve irradiação depois da Segunda Guerra Mundial, quando Auerbach publicou, em 1952, o ensaio *Filologia da Literatura Mundial*. Auerbach afirmava que “a nossa pátria filológica é a Terra, já não pode ser a nação” e temia que essa “ecologia literária estivesse ameaçada”²⁵. Quando Rafik Schami e Trojanow mencionam, em inícios dos anos 2000, a face obscura do nacionalismo alemão frente aos escritores não-alemães, é porque podemos dizer que triunfou uma espécie de *world fiction* e não precisamente uma literatura mundial.

Nesse sentido, em seu estudo sobre a globalização na literatura, Damrosch²⁶ comenta sobre dicotomia existente no conceito da *Weltliteratur*, pois geralmente origina-se em uma literatura nacional. O crítico americano comenta ainda que, nessa perspectiva, existe um “West” como modelo de “nossos valores” e um “the rest” que pode ser interpretada como as culturas influenciadas por “nós”. Do mesmo método interpreta Rajendran, que estabelece a literatura “feia” e a “bonita²⁷”, referindo-se também ao âmbito geográfico-linguístico, em que a língua de alguns locais é privilegiada em detrimentos de outras, principalmente o caso da língua inglesa. Estes autores criticam, especialmente, a ideia da *Weltliteratur* como uma coleção iluminista de literaturas do mundo, que assentou as bases em um cânone literário primordialmente eurocêntrico.

A partir da análise e crítica filológica da literatura mundial de Auerbach, Ette (2004) formula cinco teses sobre a consciência mundial e as literaturas do mundo, nas quais evoca, dentre outras, a chamada literatura sem morada fixa, termo que daria conta de uma concepção não-europeia e não-dicotômica de literatura mundial. Nos estudos literários contemporâneos, é recorrente o termo *literaturas do mundo* (*Literaturen der Welt*), principalmente na Alemanha. O conceito, segundo Ette (2005), concentra-se

²⁴ Cf. Müller (2014); Rajendran (2013) entre outros.

²⁵ No Original: „Jedenfalls aber unsere philologische Heimat die Erde ist; die Nation kann es nicht mehr sein“ (AUERBACH, 1982 p. 87).

²⁶ DAMROSCH 2003, *op.cit*, p. 70

²⁷ RAJENDRAN, 2013, p. 24

no embate entre as produções literárias sob perspectiva global; na reflexão sobre a origem da produção cultural no âmbito transareal.

Em 2013, a jornalista austríaca Sigrid Löffler publica *Die neue Weltliteratur und ihre grossen Erzähler*²⁸, livro em que comenta sobre os chamados autores transnacionais de nossa era, sobretudo os autores que escrevem em língua inglesa. Löffler menciona em entrevista²⁹ ao programa *Litradio*, da emissora RTL, que o livro é como uma espécie de guia da nova literatura mundial.

Nesse mesmo critério, as pesquisadoras Vittoria Borsò e Elke Strum-Trigonakis discutem os possíveis parâmetros para uma *nova literatura mundial*. Em *Global playing in der Literatur: Ein Versuch über die neue Weltliteratur*³⁰, a professora de literatura comparada da universidade de Thessaloniki menciona que as formas literárias ditas “híbridas”, “marginais” e “regionais” de migrantes que, para ela, consideradas anárquicas em forma, conteúdo e estrutura, têm muito em comum e podem ser consideradas como uma nova ordem mundial: a nova literatura mundial.

Esse rearranjo da literatura, segundo Strum-Trigonakis, distingue-se das literaturas nacionais, das literaturas pós-coloniais, da literatura das migrações e da literatura da globalização. Essa literatura, acima de tudo, não tem fronteiras. No caso da literatura produzida na Alemanha, onde maior parte da produção literária é da autoria de migrantes (52%) o estabelecimento dessa nova ideia de literatura, em que a desterritorialização é fundamental, agrega novos valores ao mercado literário, bem como impõe desafios..

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas* São Paulo: Companhia das Letras 2017
- AUERBACH, Erich. *Philologie der Weltliteratur*, in ders.: *Philologie der Weltliteratur. Sechs Versuche über Stil und Wirklichkeitswahrnehmung*, Frankfurt/Main 1992, pp. 83-96.
- BAUMAN, Zygmunt *A globalização e as consequências humanas*, Rio de Janeiro: Zahar. 1999

²⁸ A nova literatura mundial e seu grande narrador. LÖFFLER, 2013

²⁹ MÖLLER, Christoph. *Litradio*. RTL. Disponível em: <http://litradio.net/sigrid-loffler-die-neue-weltliteratur-und-ihre-grosen-erzahler/>Acesso em 10/04/17.

³⁰ *Global playing a literatura: Uma tentativa sobre a nova literatura universal*. STURM-TRIGONAKIS, Elke *Global playing in der Literatur: ein Versuch über die Neue Weltliteratur*. Würzburg: Königshausen & Neumann. 2007

BAUMAN, Zygmunt *Confiança e medo na cidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2009. No more walls in Europe: tear them down. Social Europe, 2016. <https://www.socialeurope.eu/2016/07/no-walls-europe-tear-> (Acesso em 08/10/18)

BIRUS, Hendrik »Goethes Idee der Weltliteratur. Eine historische Vergegenwärtigung«. In: *Weltliteratur heute. Konzepte und Perspektiven*, hg. v. Manfred Schmeling, Saarbrücker Beiträge zur Vergleichenden Literatur- und Kulturwissenschaft, Bd. 1, Würzburg. 2004 pp. 5-28.

CÂNDIDO, Antônio (2000): *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro/São Paulo: Publifolha.

CARVALHAL, Tânia Franco & COUTINHO, Eduardo F. (org). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAMROSCH, David. *What is world literature?* Princeton: Princeton University Press, 2003.

ECKERMANN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe in der letzten Jahren seines Lebens* Berlin: Suhrkamp Insel 1981

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações de Goethe com Eckermann*. Trad. Luís Silveira. Porto: Livraria Tavares Miranda, 1947.

ESSELBORN, Karl »Neuer Zugänge zur inter/ranskulturellen deutschsprachigen Literatur« In: Schmitz, Helmut *Von der nationalen zur internationalen Literatur: Transkulturelle deutschsprachige Literatur und Kultur im Zeitalter globaler Migration*, Amsterdam/New York: Editions Rodopi. 2009

ETTE, Ottmar. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*, Berlin: Kulturverlag Kadmos. 2001

_____. „Wegen des Wissens. Fünf Thesen zum Weltbewusstsein und der Literaturen der Welt“, in: Hofmann, Sabine/wehrheim, Monika (Hg.): *Lateinamerika. Orte und Ordnungen des Wissens*. Festschrift für Birgit Scharlau, Tübingen: Gunter Narr, pp. 169-184. 2004

_____. *TransArea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*, Berlin, Boston: De Gruyter. 2012.

_____. *Viellogische Philologie. Die Literaturen der Welt und das Beispiel einer transarealen peruanischen Literatur*, Berlin: edition Tranvía. 2013

_____. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Weilerswist: Velbrück, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von: *Frankfurter Ausgabe*, hg. v. Apel, Friedmar/ Birus, Hendrik et. Al., Abt., 2, Bd. 10, Frankfurt a. M, 1986-1999

GRJASNOWA, Olga. *Gott ist nicht schüchtern* Berlin: Aufbau 2017

HERBERT, Ulrich *Geschichte der Ausländerpolitik in Deutschland. Saisonarbeiter, Zwangsarbeiter, Gastarbeiter, Flüchtlinge*. München: Beck, 2001.

KEGELMANN, René. »Türöffner oder Etikettierung? Der Adelbert-von-Chamisso-Preis und dessen Wirkung in der Öffentlichkeit« In: Grimm-Hamen, Sylvie & Willmann, Françoise (Hgg.): *Die Kunst geht auch nach Brot! Wahrnehmung und Wertschätzung von Literatur*. Berlin: Frank&Timme pp. 13-28. 2010

KESTLER, I.M.F. O conceito de literatura universal em Goethe. *Revista Cult*, São Paulo. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/>>. Acesso em 10/04/17.

KHIDER, Abbas *Ohrfeige* München: Hanser. 2016

LÖFFLER, Sigrid. *Die neue Weltliteratur und ihre großen Erzähler*. Munique: C.H Beck, 2013.

MARTOS, Francisco Gómez (2011). Reflexões sobre as novas políticas europeias para os imigrantes. In: *Desafios para a construção de uma agenda comum entre Brasil e Europa*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung. pp. 13-41.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich *Manifest der Kommunistischen Partei*. In Marx; Engels: Werke, Bd. 4. Berlin: Dietz. 1974

MORETTI, Franco. „Conjectures on World Literature“, In: *New Left Review* 1, Jan.-Feb. 2000, pp. 54-68

MÜLLER, Gesine (Org.). *Verlag macht Weltliteratur* Berlin: Tranvia 2014

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP, 2000.

RAJENDRAN, C. „The Actual and the Imagined: Perspectives and Approaches in Indian Classical Poetics“, in: Küpper, Joachim (Hg.): *Approaches to World Literature*, Berlin: Akademie Verlag, p. 121–132. 2013.

ROCK, Zé do. *fom winde ferfellt: Welt-strolch macht links-shreibreform* München: Piper 2002

SCHAMI, Rafik. *Ich wollte nur Geschichten erzählen. Mosaik der Fremde* Berlin: Hans Schiler 2017

STURM-TRIGONAKIS, Elke *Global playing in der Literatur: ein Versuch über die Neue Weltliteratur*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2007

TAWADA, Yoko. *Überseetzungen: Literarische Essays* Tübingen: konkursbuch 2016

TROJANOW, Ilija *Döner in Walkalla: Texte aus der anderen deutschen Literatur*. Köln: Kiepenheuer&Witsch. 2000

_____. *Nach der Flucht*. Frankfurt: S. Fisher 2017

_____. »Ade, Chamisso-Preis?« In: *Frankfurter Allgemeine Zeitung* 21.9.2016 - <<http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/kritik-an-bosch-stiftung-ade-chamisso-preis-14443175.html>>. Acesso em 5/10/2018.